

Aula 3

UMA DIDÁTICA PARA A FORMAÇÃO DO BURGUEZ

META

Apresentar as principais características do modelo didático conhecido como “disciplina formal”, sugerido pelo filósofo John Locke. apresentar os sentidos de aprendizagem, ensino, conteúdos e avaliação veiculados nos *Ensaio do entendimento humano* (1690) e *Pensamentos sobre a educação* (1693), escritos pelo filósofo inglês.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: identificar as finalidades do ensino de conhecimentos científicos no período de vivência escolar; estabelecer diferenças entre as formas de adquirir conhecimento propostas por Comenius e Locke.

PRÉ-REQUISITOS

Disposição para rememorar as práticas de ensino dos seus professores na escola primária (ou nas séries iniciais do ensino fundamental) e para opinar sobre os fins da educação escolar

Itamar Freitas

INTRODUÇÃO

Vimos que a Didática comeniana estruturou-se como um conjunto de princípios fundados na divina ordem da natureza: ensinar de modo fácil, rápido e sólido. No modelo apresentado nesta aula, o ensino constitui-se, fundamentalmente, no treino das faculdades mentais.

Seu mentor, o filósofo inglês John Locke (1632/1704), era um crítico da educação escolar e estava muito mais preocupado com os fins da educação individual destinada ao filho dos negociantes e de futuros ocupantes das carreiras do Estado inglês. No entanto, os seus escritos – sobretudo os *Ensaio do entendimento humano* (1690) e *Pensamentos sobre a educação* (1693) – ganharam o caminho inverso, inspirando muitos didatas dos séculos XVIII e XIX. Hoje, não é muito difícil encontrar quem ainda pronuncie algumas das suas máximas no interior das escolas.

Algumas das razões para a permanência das ideias de Locke sobre ensino e aprendizagem no interior das escolas estão relacionadas à consistência da sua argumentação sobre a natureza do conhecimento e a ação das faculdades mentais nos processos de transmissão de cultura.

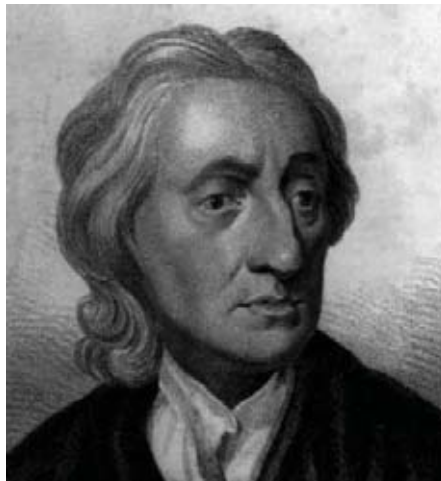
Para ele, o conhecimento é constituído por ideias, e essas ideias tem origem exterior. Elas “penetram na mente” (são apreendidas) por dois caminhos: 1) a observação externa – sensação/percepção que os objetos provocam nos sentidos; 2) a observação e interna – movimento de reflexão, ou seja, “mente observando suas próprias operações” (Locke, 2005, p. 58).

Ora, se os princípios de ciência, por exemplo, são constituídos por ideia e se todas elas são adquiridas da experiência, sejam “as coisas materiais externas como objeto da sensação” (amarelo, frio, amargo), sejam “as operações de nossas próprias mentes, como objeto da reflexão” (duvidar, crer, raciocinar), não há como admitir a existência de princípios inatos, tais como a justiça e a fé, como se acreditava até então (Locke, 2005, p. 49, 51, 58).

Mas, onde entra o treino das faculdades mentais?

Locke afirma que todos os homens são potencialmente capazes de tudo. Todos podem conhecer. Salvo os casos patológicos, todos nascem com os mesmos poderes do corpo e da alma. A diferença entre as pessoas, em termos de habilidades e de destrezas, tem origem no hábito (ou na ausência do hábito) de exercitar e de expandir as faculdades.

Dessa forma, como queria formar um bom burguês, e o burguês lockeano era, fundamentalmente, um homem de boas maneiras, prudente, temente a Deus, toda instrução teria por fim “exercitar suas faculdades, ocupar seu tempo, afastando-lhe da preguiça e da vadiagem [...] estimulando-lhe o gosto pelas coisas que deve acabar de aprender por sua própria conta” (Locke, 1986, p. 132).

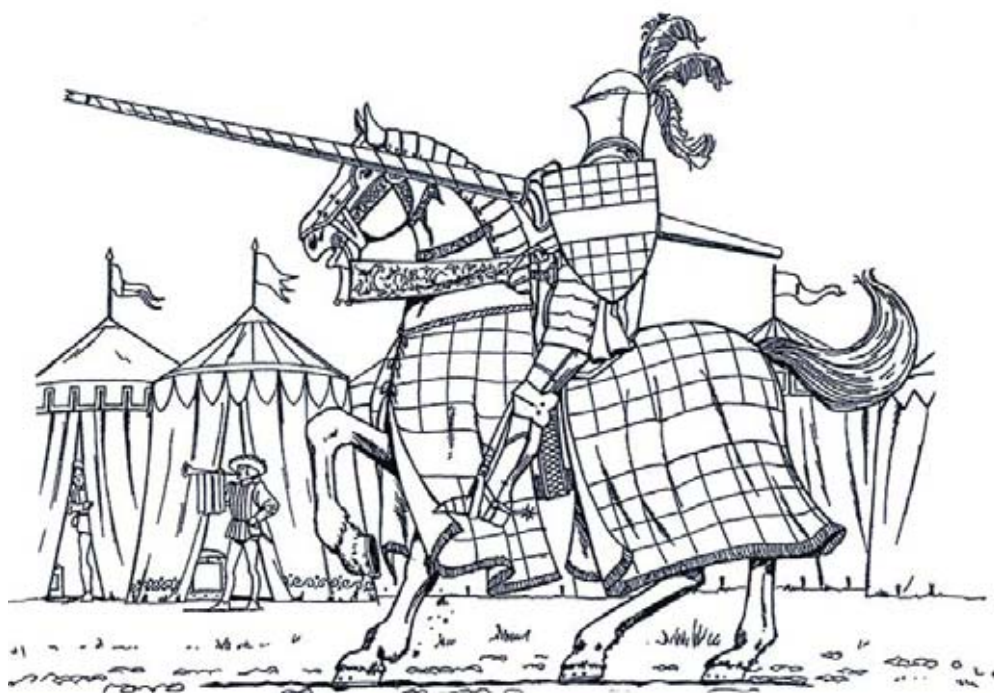


John Locke (1632/1704). (Fonte: www.episcopalchurch.org). Capturado em 27 abr. 2011).

John Locke (1632/1704), nasceu em Wrington e faleceu em Essex, ambas na Inglaterra. Publicou em vida: *Cartas sobre la tolerancia* (1689), *Dos tratados sobre el gobierno civil* (1690), *Ensayo sobre el entendimiento humano* (1690), *Consideraciones sobre las consecuencias de la disminución de los impuestos y del aumento del valor de las monedas* (1691), *La adecuación del cristianismo a la razón* (1695), *Defensa* (1695), *La dirección del entendimiento* (1697). São publicações póstumas: *Cartas sobre la tolerancia* (1706), *Epistolario* (1708) e *Elementos de Filosofia natural* (1751). (Cf. Enguita, 1986, pp. 5-7).

EXERCITAR AS FACULDADES DO CORPO E DA ALMA

Como se vê, era uma educação utilitária, que prezava as virtudes compatíveis com a posição de futuro cavalheiro. Em decorrência dessas ideias de educação e de mente, reforçou-se a concepção de ensino como exercício das faculdades do corpo e da alma. As primeiras faculdades eram as mais nobres: memória, vontade e razão.



Cavaleiro. (Fonte: <http://www.desenhos.pt>). Capturado em: 27 mai. 2011

Dessas, o raciocínio (o exercício da razão) foi considerada a mais importante. Consistia em verificar “o grau de confiança de qualquer verdade”, examinando os seus princípios e o encadeamento das ideias (Locke , 1986, p. 290). O emprego da razão evitava o erro por presunção, preguiça, precipitação.

Para exercitar e ampliar a o raciocínio, nada melhor que as matemáticas. Elas ensinavam a observar as ideias, suas conexões e cadeia de consequências. Ensinavam a separar as partes e a extrair uma conclusão de cada uma delas. A razão evitava, ainda, o ceticismo e a crença ingênua (Locke , 1986, p. 304). Para o exercício da memória, a História foi um conhecimento bastante indicado.

Quer dizer então, que o mestre seria um prodígio em termos de razão e de memória, portador de grandes conhecimentos científicos? Para Locke, tais qualidades não eram tão importantes. Isso porque o ensino intelectual (a instrução das ciências) ocupava um lugar subalterno, em relação à educação moral.

Ao invés de possuir erudição, o preceptor deveria ser bem educado e conhecer o mundo, ou seja, saber dos vícios e virtudes humanas. Sua função era “moldar a conduta e formar o espírito; estabelecer em seu discípulo os bons hábitos, os princípios da virtude e da sabedoria; dar a conhecer, gradualmente, uma ideia do mundo; desenvolver na criança a tendência a amar e a imitar tudo o que é bom, fazendo-o vigoroso, ativo e industrioso” (Locke , 1986, p. 132).



ATIVIDADES

Tente lembrar os fins da educação escolar defendidos por pessoas próximas (pai, mãe, responsável, companheiro ou companheira). Localizou alguém que pensa como Locke pensava? Você concorda que toda a educação escolar deve ser utilitária? Defenda sua posição.

APRENDER DE MEMÓRIA

O aprender também era mediado pelo exercício das faculdades mentais, com relevância para a memória. Mas, foi o próprio Locke quem questionou e respondeu: será preciso aprender de memória? Somente de memória, não. Era necessário conhecer as “disposições naturais da infância”, sua estrutura mental, os critérios para a seleção do que deveria ser retido e lembrado e os métodos aceitáveis de memorização.

Dever-se-ia aprender de memória, somente o que fosse útil (instrutivo) e divertido, que fundamentasse e estimulasse a reflexão do aluno (quando maduro). O preceptor deveria limpar o cérebro da criança dos demais pensamentos, atrair a sua atenção, argumentando sobre as utilidades e as vantagens de se aprender.

As ações principais, entretanto, não diferiam do seu tempo e mesmo da escola que ele tanto criticava: ler, recordar, repetir, recordar e repetir obedecendo à ordem original dos escritos. O aprendizado iniciava-se pelas ideias simples e encadeadas, uma de cada vez. O aluno lia a mesma fábula e a sua tradução, todos os dias, para compreender o sentido das palavras. Depois, passaria à próxima fábula, repetindo esse processo. Em seguida, voltava à fábula já aprendida para “refrescar a memória”.

Dominados os conhecimentos, deveria o aluno ensiná-los aos seus colegas. Esse procedimento ajudava a fixar as lembranças na memória e a ampliar os estudos. Locke também recomendou uma estratégia indireta de memorização dos conteúdos históricos, por exemplo, e de verificação de aprendizagem: cada vez que o aluno apresentasse uma lição sobre um historiador latino, deveria o preceptor perguntar em que ano do calendário Juliano foi fundada Roma, e quando fosse um historiador grego, em que ano do calendário Juliano foi a primeira Olimpíada, e assim por diante (Cf. Locke, 1986, p. 354).



ATIVIDADES

Tente recordar as práticas dos seus professores dos anos finais do ensino fundamental. Você já foi submetido a algum dos procedimentos sugeridos por Locke? Que pensa, agora, a respeito do método do seu antigo professor?

UM CURRÍCULO ENCICLOPÉDICO

A instrução contribuiria com a aquisição das virtudes e deveria ser útil à vida do cavalheiro. Mas, Locke, como já afirmei, desaconselhava a experiência dos colégios, seja em termos de métodos de ensino, seja em termos de componentes curriculares.

Em seu tempo, o currículo para os adolescentes era constituído pelas sete artes liberais, ou seja, Gramática, Dialética, Retórica, Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. Ele criticava o ensino da Gramática e da Dialética e excluía a Música sempre pensando no futuro burguês.

Além de apontar os defeitos curriculares dos colégios, Locke prescreveu uma enorme lista de conhecimentos, semelhante às nossas contemporâneas enciclopédias. A Estenografia permitiria ao futuro burguês escrever mais rápido e ocultar os seus registros, e o desenho possibilitaria o registro dos artefatos (máquinas, monumentos, trajes) observados em suas viagens. As línguas vivas, nacional e estrangeira (inglês e francês), viabilizariam a comunicação cotidiana e o comércio com outros povos.

Das artes liberais, a Geografia daria a conhecer o globo terrestre, limites dos reinos e regiões, nome dos rios. Era um exercício da memória e de observação, sobretudo, por meio de mapas. Em seguida, o menino estudaria a Aritmética ou o exercício de contar e o domínio da arte dos números, que ajudava no avanço do ensino da Geografia. O conhecimento da terra abriria caminho ao estudo dos planetas, posições, distâncias e órbitas (Astronomia).

Somados os conhecimentos da Terra e dos demais planetas, estaria o menino em condições de estudar a Geometria (o estudo das esferas), sem que fosse necessário ler os “seis primeiros livros de Euclides”. Além desses conhecimentos, deveria o futuro burguês estudar o calendário e as épocas mais significativas da humanidade (Cronologia) – fundamental para o entendimento da História –, conhecer os rudimentos do Direito Civil (do homem, das sociedades, relações entre as nações) e noções sobre a Constituição e o governo da Inglaterra. Por fim, Locke prescreve o ensino das “artes de adorno”: dança, música, esgrima e equitação.



Saber e poder. (Fonte: <http://www.cantinhovirtualdaeducacao.blogspot.com.br>). Capturado em 26 mai. 2011

CONCLUSÃO

A teoria da disciplina formal fundamentou um tipo de Didática, no qual ensinar seria exercitar faculdades mentais. O aprender e o aferir a aprendizagem, da mesma forma, consistiriam em repetir leituras, escritos e falas do professor com vistas à retenção pela memória e o aumento da capacidade de retenção da memória. O currículo, por fim, deveria ser utilitário e enciclopédico.



RESUMO

A educação do burguês, codificada por John Locke, destinava-se à formação do homem virtuoso, em detrimento da erudição científica. Essa finalidade se refletiu nas duas dezenas de conhecimentos utilitários selecionados como currículo. Para o filósofo, o conhecimento era adquirido via sensação e reflexão. Não havia ideias inatas. Tal compreensão o levou a pensar a educação e o ensino como treino das faculdades mentais, entre as quais destacavam-se a razão, memória e a vontade. O professor, deveria ser um homem virtuoso e conhecedor do mundo, e o aluno um disciplinado repetidor e memorizador de exposições, escritos e tarefas compatíveis com o seu estado mental.



AUTOAVALIAÇÃO

1. Quais as finalidades da aprendizagem de conteúdos conceituais, proposicionais e procedimentais fornecidos pelos saberes científicos, segundo John Locke?
2. Comenius e Locke disseram que a mente era um espaço vazio. Compare as duas afirmações e aponte uma característica que distancia o pensamento de Locke do pensamento de Comenius.

RETROALIMENTAÇÃO

1. Para John Locke, os saberes selecionados como materiais de ensino deveriam cumprir uma função utilitária. Ele estava preocupado com a formação dos futuros cavalheiros da Inglaterra. Homens devotados ao comércio e preparados para assumirem os mais altos cargos do Estado deveriam se ocupar apenas com os assuntos que contribuiriam diretamente com o bom desempenho nessas áreas.
2. Comenius via a mente da criança ao nascer como uma tábula rasa e Locke a definia como uma página em branco. As afirmações são aparentemente semelhantes, se pensarmos que, no pensamento de Comenius, o homem já nascia com as “sementes” da instrução, das virtudes e da religião, que seriam desenvolvidas no decorrer da vida. No pensamento de Locke, ao contrário, todo o conhecimento, por exemplo, proviria da experiência, ou seja, da percepção e da observação do mundo físico.



Tábula rasa. (Fonte:<http://encefalus.com>). Capturado em 27 mai. 2011



PRÓXIMA AULA

Na aula n. 4, apresentarei os fundamentos do modelo didático conhecido como os “quatro passos formais” sugerido pelo pensador Johan Friedrich Herbart. Também anunciarei os sentidos de aprendizagem, ensino, conteúdos e avaliação veiculados na Pedagogia geral derivada dos fins da educação (1806) e Esboço de lições pedagógicas (1835).

REFERÊNCIAS

- LOCKE, John. Pensamientos sobre la educación. Madrid: Akal, 1986.
_____. Sobre El empleo del entendimiento (1690). In: **Pensamientos sobre la educación**. Madrid: Akal, 1986. pp. 779-350.a
_____. Borrador de uma carta de Locke a la Condesa de Peterborough (1697). In: **Pensamientos sobre la educación**. Madrid: Akal, 1986. pp. 351-354.b
_____. Algunas ideas acerca de la lectura y el estudio para um Caballero (1703). In: **Pensamientos sobre la educación**. Madrid: Akal, 1986. pp. 355-361.c
_____. Del estudio (1677). In: **Pensamientos sobre la educación**. Madrid: Akal, 1986. pp. 363-381.d
_____. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- ENGUITA, Mariano Fernández. Prólogo. In: LOCKE, John. **Pensamientos sobre la educación**. Madrid: Akal, 1986. pp. 9-23.e
- GHIGGI, Gomercindo e OLIVEIRA, Avelino da Rosa. **O conceito de disciplina em John Locke: o liberalismo e os pressupostos da educação burguesa**. Porto Alegre, 1995.